

Yuja Wang

09 ABRIL 2017

 GULBENKIAN
MÚSICA



gulbenkian.pt/musica

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRAS



MECENAS
MÚSICA DE CÂMARA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO PIANO



MECENAS
CORO GULBENKIAN



Yuja Wang Piano

Fryderyk Chopin

24 Prelúdios, op. 28

nº 1 em Dó maior: *Agitato*

nº 2 em Lá menor: *Lento*

nº 3 em Sol maior: *Vivace*

nº 4 em Mi menor: *Largo*

nº 5 em Ré maior: *Molto allegro*

nº 6 em Si menor: *Lento assai*

nº 7 em Lá maior: *Andantino*

nº 8 em Fá sustenido menor: *Molto agitato*

nº 9 em Mi maior: *Largo*

nº 10 em Dó sustenido menor: *Molto allegro*

nº 11 em Si maior: *Vivace*

nº 12 em Sol sustenido menor: *Presto*

nº 13 em Fá sustenido maior: *Lento*

nº 14 em Mi bemol menor: *Allegro*

nº 15 em Ré bemol maior: *Sostenuto*

nº 16 em Si bemol menor: *Presto con fuoco*

nº 17 em Lá bemol maior: *Allegretto*

nº 18 em Fá menor: *Molto allegro*

nº 19 em Mi bemol maior: *Vivace*

nº 20 em Dó menor: *Largo*

nº 21 em Si bemol maior: *Cantabile*

nº 22 em Sol menor: *Molto agitato*

nº 23 em Fá maior: *Moderato*

nº 24 em Ré menor: *Allegro appassionato*

Johannes Brahms

Variações e Fuga sobre

um tema de Händel, op. 24

Ária

Variações I - XXV

Fuga: *Moderato*

INTERVALO

Duração total prevista: c. 1h 30 min.

Intervalo de 20 min.

Fryderyk Chopin

Zelazowa-Wola, 1 de março de 1810

Paris, 17 de outubro de 1849

24 Prelúdios, op. 28

COMPOSIÇÃO: 1836-1839

DURAÇÃO: c. 40 min.



24 PRELÚDIOS, OP. 28. LEIFZIG: F. PETERS, C. 1879 © DR.

Os 24 Prelúdios, op.28, de Fryderyk Chopin foram originalmente publicados em Paris (1839) e tiveram como dedicatário o virtuoso, editor e construtor de pianos J. E. C. Pleyel (1788-1855), cujo salão acolheu precisamente o primeiro e o último dos recitais que Chopin deu na capital francesa. A coleção de vinte e quatro miniaturas homenageia diretamente J. S. Bach, no entanto desafia a função tradicionalmente atribuída a esta forma: estes prelúdios não “preludiam” nenhuma segunda peça, pelo que a sua designação corresponde a uma dimensão mais poética que funcional.

Os Prelúdios foram escritos entre 1836 e 1839, provavelmente aquando da temporada passada em Majorca (1838), onde o compositor encontrou refúgio junto da sua companheira, a escritora George Sand (1804-1876). As partituras foram publicadas pela casa parisiense Catelin em meados de 1839, em dois volumes com doze prelúdios cada um. A sua receção pela exigente (e conservadora) crítica ocorreu de modo diverso: enquanto Robert Schumann notava a “desordem e (...) confusão”, Franz Liszt, por seu turno, interrogava-se sobre a função do conjunto, não

deixando porém de enaltecer a sua dimensão poética. Esta comparação literária continua numa crítica anónima de 1841 que associa a música de Chopin à poesia de Alphonse de Lamartine (1790-1869). A ocasião que motivou estas reações foi o recital parisiense em que Chopin interpretou o surpreendente conjunto. Liszt definiu Chopin como um “estudioso entusiasta de Bach” porque era este o compositor que o polaco mais admirava e *O Cravo Bem Temperado* a obra que considerava a sua Bíblia. Além disso, aconselhava os seus alunos a tocar todos os Prelúdios e Fugas de Bach todos os dias. Não admira portanto que se possam descobrir ligações com o mestre barroco: o facto de serem prelúdios e de contemplarem todas as tonalidades maiores e menores. O modo como Chopin organizou os 24 Prelúdios obedece a um pensamento racional que, muito embora não seja imediatamente perceptível, torna a própria sucessão eminentemente musical e ajuda a decifrar a imensa originalidade autoral da coleção. Cada par de prelúdios surge na tónica maior e relativa menor e a sua ordem reflete o ciclo das quintas. Singular é também



FRYDERYK CHOPIN, POR MARIA WODZIŃSKA, 1835 © DR

o facto de os 24 Prelúdios não corresponderem a nenhuma função preparatória. Na (importante) cena europeia de recitais privados no séc. XIX, a execução de prelúdios num recital “preparava” as composições propriamente ditas, criando a atmosfera certa na sala e concentrando o próprio pianista para uma aguardada execução mais exigente. Testavam-se assim as capacidades improvisatórias do músico, as do compositor em invocar o carácter de *impromptu* e, o que também é importante, as do próprio piano do salão, ao qual o pianista (obviamente tendo deixado o seu em casa) tinha afinal de se habituar. Com Chopin, os Prelúdios op. 28 são eles próprios as peças exigentes, nomeadamente do ponto de vista técnico: o Prelúdio n.º 3, em Sol maior, com o seu *ostinato* na mão esquerda; os n.ºs 8, (Fá sustenido menor), 12 (Sol sustenido menor) e 16 (Si bemol menor) são autênticos estudos pela

sua enorme dificuldade e, pela mesma razão, podem ser ainda acrescentados o n.º 19 (Mi bemol maior) e 24 (Ré menor) igualmente muito difíceis sobretudo para a mão esquerda. Os 24 Prelúdios são também muito desafiantes pela sua diversidade, a qual se verifica, por exemplo, na variação da dimensão temporal (entre trinta segundos e cinco minutos) e na mudança de estilos: do n.º 7 (Lá maior) como uma *mazurka* em miniatura, ao noturno n.º 15 (Ré bemol maior); do funéreo n.º 20 (Dó menor) ao ondulante n.º 23 (Fá maior). E sobretudo são únicos naquilo que requerem do ponto de vista emocional, o que levou o pianista Alfred Cortot (1877-1962) a considerar o Prelúdio n.º 4 (Mi menor) como “uma das mais palpitantes imagens de desespero que a música jamais registou” e o n.º 1 (Dó maior) como “apaixonado” e de “ardor impaciente”.

Johannes Brahms

Hamburgo, 7 de maio de 1833

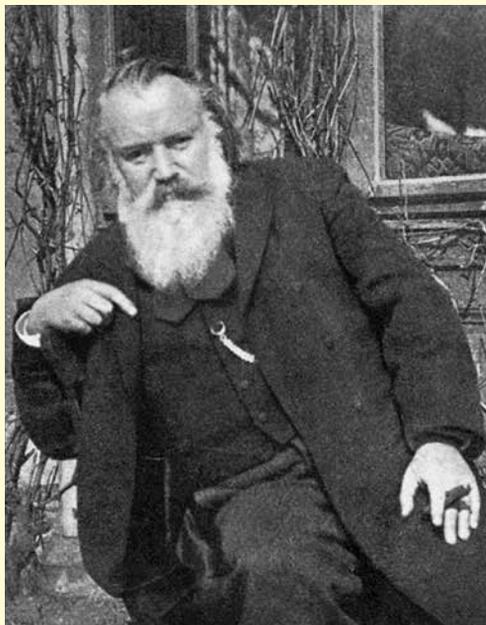
Viena, 3 de abril de 1897

Variações e Fuga sobre um tema de Händel, op. 24

COMPOSIÇÃO: 1861

ESTREIA: Hamburgo, 7 de dezembro de 1861

DURAÇÃO: c. 27 min.



JOHANNES BRAHMS © DR

As Variações e Fuga sobre um tema de Händel, op. 24, foram dedicadas a Clara Schumann (1819-1896) e tocadas em privado por altura do seu aniversário em setembro de 1861. A estreia pública, pelas mãos desta pianista virtuosa, ocorreu em dezembro na cidade de Hamburgo, tendo sido a obra publicada no ano seguinte. Note-se que, anos antes, foi Clara quem ofereceu a Brahms o primeiro volume da nova edição das obras de J. S. Bach (1855) e que lhe motivou o interesse pelo estudo da música antiga. Numa altura em que os compositores tinham, há já bastante tempo, deixado de explorar o género da variação, Brahms, num período da sua vida especialmente devotado ao estudo da música barroca, decidiu-se a colocar em prática essa dedicação. A estreia triunfal da obra, ainda assim, não o deixou escapar do tremendo fiasco que foi a apresentação pública do seu Concerto para Piano n.º 1, incluído no mesmo programa. Embora o resultado dessa noite tenha sido dececionante, o certo é que, ao menos, as Variações vingaram positivamente. Estas dizem a respeito a um

tema seguido de vinte e cinco variações, de oito compassos repetidos cada, e uma fuga final, de dimensões muito maiores. O tema tem origem na *Aria* que G. F. Händel compôs para o terceiro andamento da Suite para Cravo n.º 1, HWV 434, editada em Londres no ano de 1733. Brahms possuía aliás uma cópia do manuscrito de Händel, tendo a partir daí encetado o processo de composição. O tema, elegante e cerimonial, dá lugar às múltiplas reconfigurações que se sucedem, entre a variação do tema propriamente dito, e a variação da variação anterior, o que, de resto, resulta num exercício altamente estilizado e sem nunca corromper o espírito barroco que lhes subjaz. A continuidade dramática, muito eficaz, recorre a semelhanças e contrastes entre variações, resultando numa sequência que nunca perde interesse, apesar de a harmonia ser sempre a mesma. Vem a terminar numa fuga a quatro vozes, talvez mais próxima de Bach do que de Händel pela sua densidade contrapontística, coroando uma das obras pianisticamente mais desafiantes de Brahms.

NOTAS DE JOÃO PEDRO LOURO

Yuja Wang

Piano



YUJA WANG © NORBERT KNIAZ

A pianista chinesa Yuja Wang combina a sua espontaneidade e imaginação com uma disciplina e precisão próprias da maturidade artística. É aplaudida também pelo seu apuro técnico, dominando com autoridade as exigências do repertório. Nasceu em Pequim em 1987 e começou a tocar piano aos seis anos de idade. Estudou com Ling Yuan e Zhou Guangren no Conservatório Central de Música de Pequim e, entre 1999 e 2001, frequentou o programa sazonal *Morningside Music*, no Mount Royal College, em Calgary. Mudou-se então para o Canadá, onde foi aluna de Hung Kuan Chen. Depois de vencer o Festival de Música de Aspen, em 2002, ingressou no Curtis Institute of Music, em Filadélfia, instituição onde estudou com Gary Graffman e pela qual se diplomou em 2008. Em 2006 recebeu o prémio *Gilmore Young Artist*. A estreia de Yuja Wang com a Orquestra Sinfónica de Boston, em 2007, despertou a atenção internacional, impulsionando uma carreira que conheceu uma rápida ascensão. Sucederam-se os convites para atuar com muitas das mais prestigiadas orquestras norte-americanas e europeias, bem como

em Israel, na China, no Japão e na Austrália, sob a direção de maestros de renome como Gustavo Dudamel, Michael Tilson Thomas, Charles Dutoit, Lorin Mazzel, Neville Marriner, ou Claudio Abbado. Para além das atuações em concerto, Yuja Wang apresenta-se também com frequência em recital e em contexto de música de câmara. Estreou-se na Fundação Gulbenkian em novembro de 2007, sob a direção de Lawrence Foster, tendo então substituído Evgeny Kissin à última hora. Regressaria em maio de 2010 para atuar em recital e colaborar de novo com a Orquestra Gulbenkian dirigida por Joana Carneiro. Yuja Wang grava em exclusivo para Deutsche Grammophon desde 2009. Até à data, foram lançados três álbuns a solo e dois em concerto. O seu CD de estreia, *Sonatas & Etudes* (2009), foi nomeado para os prémios *Grammy*. O segundo CD a solo recebeu o prémio *ECHO Klassik* para “Jovem artista do ano”. A gravação dos concertos para piano de Rachmaninov, com Claudio Abbado e a Mahler Chamber Orchestra, foi também nomeada para um *Grammy* na categoria de “Melhor Solo Instrumental Clássico”.

17 Abril

SEGUNDA, 21:00

Gidon Kremer

Kremerata Baltica



GULBENKIAN
MÚSICA



KREMERATA
BALTICA

20th anniversary

GULBENKIAN.PT

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
MÚSICA DE CÁMARA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO PIANO



MECENAS
CORO GULBENKIAN



Apoiar a cultura

pwc

A PwC, enquanto Mecenas do Ciclo de Piano da Temporada Gulbenkian Música, tem honra em apoiar a cultura, incentivando a divulgação da música clássica.



Conheça-nos melhor
em www.pwc.pt



[/pwc.pt](https://www.facebook.com/pwc.pt)



[/company/pwc-portugal](https://www.linkedin.com/company/pwc-portugal)

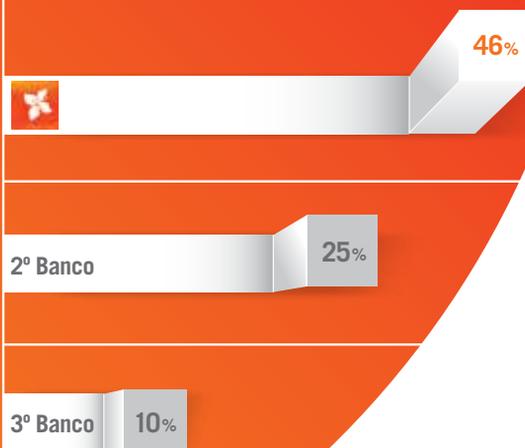
BANCO DE CONFIANÇA.



BPI é Marca de Confiança na Banca pelo 3º ano consecutivo.

O BPI foi reconhecido como a marca bancária de maior confiança em Portugal, de acordo com o estudo Marcas de Confiança que as Selecções do Reader's Digest organizam há 16 anos em 10 países. O nível de confiança do BPI subiu de 39% para 46%, registando o melhor resultado alguma vez alcançado em todo o sistema financeiro português desde o lançamento do estudo em 2001. O BPI agradece este voto de confiança e tudo fará para continuar a merecê-lo.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

DESIGN GRÁFICO
AH-HA

TIRAGEM
400 exemplares

PREÇO
2€

Lisboa, Abril 2017

